



SABERES DOS VISITANTES DO ZOOLOGICO DE SALVADOR-BA SOBRE A FAUNA NATIVA E SUA CONSERVAÇÃO

Cíntia Brito de Souza Galheigo¹
Gilberto Marcos de Mendonça Santos²

RESUMO

Aproveitando a grande visitação que recebem e o caráter lúdico que envolve as visitas aos Zoológicos, estas instituições podem desempenhar papel importante na educação não formal do seu público. Neste estudo analisamos o conhecimento de visitantes do zoológico de Salvador-BA sobre a fauna brasileira e o potencial da instituição em fornecer informações sobre a fauna nativa. Os visitantes (n=60) mostraram interesse e envolvimento com as questões ambientais e uma visão positiva sobre a instituição “Zoológico”. Nossos dados mostram que, em geral, os visitantes do Zoológico de Salvador conhecem mais a fauna exótica (erro de 3,6% no conhecimento da fauna; n=420) que a fauna nativa (erro de 42,3% no conhecimento da fauna; n=960). Para os entrevistados a TV e o zoológico são as principais fontes de informação sobre a fauna, evidenciando a precariedade com que a fauna nativa é tratada nos meios de comunicação de massa e o pouco destaque da fauna nativa no Zoológico de Salvador, que em geral apresentam felinos, ursos e outros grandes mamíferos exóticos como principais atrações. Nossos dados indicam a necessidade de informações sobre a fauna nativa voltada para o grande público.

Palavras chaves: Zoológico, Educação Informal, Meio Ambiente.

ABSTRACT

Taking advantage of the wide visitation that zoological parks receives and the ludic feature that the zoo visits involve, these institutions can develop an important function in the non-formal education of their public. In this study we analyzed the knowledge of the visitants at the Salvador Zoological Park about the Brazilian fauna and the potential of the institution in provide information about the native fauna. The visitants (n=60) revealed interest and involvement with environmental questions and a positive view about the “zoo” institution. Our data show that, in general, visitants of the Salvador Zoo know more about the exotic fauna (error of 3,6% in the fauna knowledge; n=420) than the native fauna (error of 42,3% in fauna knowledge; n=960). The interviewers think that TV and zoo are the principals’ sources of information about fauna, evidencing that the native fauna has been reported in the means of communication with precariousness and the native fauna in the Salvador Zoological Park has been received with little attention, the zoo in general, presents felines, bears and other big exotic mammals as mainly attractions. Our data indicate the necessity of information about the native fauna toward to the zoo visitors.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Zoologia da Universidade Estadual de Feira de Santana - BA
cintia2610@yahoo.com.br

² Professor Titular do Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03,
BR 116, 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil. Fone: (75) 3224- 8264.

Key words: Zoological Parks, Informal Education, Environment.

INTRODUÇÃO

Questões como desmatamento, poluição e extinção de espécies vegetais e animais fazem parte do cotidiano moderno e urgem por soluções. Porém, a maioria da população mundial vê estas perturbações no equilíbrio ambiental apenas como mais um dos problemas que o ser humano acostumou-se a ver no noticiário e passou a assimilar como se fizesse parte da “normalidade” (FURTADO & BRANCO, 2003). O contato com áreas preservadas e acesso aos recursos naturais básicos que disponham da qualidade mínima para a sobrevivência, tornaram-se distante da maioria dos indivíduos. Para reverter esta situação é necessário que as pessoas compreendam como as perturbações ambientais podem atingir na prática cada indivíduo e suas gerações (PRIMACK & RODRIGUES, 2002).

Apesar da mobilização internacional a respeito da conservação da biodiversidade brasileira, a sobrevivência de muitas espécies nativas está sendo ameaçada de muitas formas, dentre elas está a falta de conhecimento dos aspectos da vida animal (BIZERRIL, 1999). Estudos realizados por Reis *et al.* (1998) demonstraram que a falta de conhecimento leva a baixa valorização e baixa mobilização popular a respeito da conservação da fauna local e é visto como sendo a principal causa de um grande número de mortes de animais e capturas ilegais no país.

Neste contexto, no qual diversas questões ambientais são discutidas sob enfoques também divergentes, há críticas (SANDERS & FEIJÓ, 2007) e defesas sobre a utilização e função dos Zoológicos como ferramenta de educação e conservação ambiental (COSTA, 2004; MORRIS, 1990). Não obstante, a importância do zoológico como espaço privilegiado de lazer e aprendizado faz parte do senso comum das populações metropolitanas.

Historicamente, podemos observar que as coleções de animais eram mantidas por vários motivos: como símbolos de bem-estar e poder de ostentação de um “status”, principalmente por imperadores chineses, astecas, faraós egípcios e chefes de estado, por interesse zoológico e para entretenimento e diversão (ACHUTTI *et al.*, 2003).

Há cerca de duzentos anos, surgiram os primeiros zoológicos abertos ao público; a partir dessa data, houve um aumento contínuo do número e diversificação das atividades desenvolvidas no mundo. Hoje podemos encontrar desde instituições tradicionais com coleções centradas, principalmente, em vertebrados até instituições mais especializadas, como criadouros, aquários e parques (ACHUTTI *et al.*, 2003; IUDZ/CBSG-IUCN/SSC, 1993).

Os zoológicos beneficiam milhões de pessoas no mundo e, a grande maioria dessas pessoas, vive em áreas urbanas e possuem pouco ou nenhum contato com a natureza. A

população das áreas rurais também visita os zoológicos, o que significa um estímulo para a preservação das espécies locais. (MERGULHÃO, 1997).

Em decorrência disso, Dias (1998) afirma que os zôos precisam cada vez mais ser utilizados como recurso instrucional para atividades de Educação Ambiental, uma vez que conseguem reunir em uma área restrita animais das mais variadas regiões da Terra, além de receber uma média de 500 mil visitantes anualmente.

Assim os zôos buscam, atualmente, os objetivos de conservação, operando como centros de reprodução, principalmente de espécies que se encontra em perigo de extinção, de pesquisa, operando como centro de divulgação de informações conservacionistas e como valioso banco de dados, favorecendo assim os diversos segmentos de pesquisa, principalmente aquelas voltadas a conservação das espécies em cativeiro e vida livre, de educação, buscando o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e compromissos que se traduzam em decisões informadas e ações construtivas, em respeito à natureza e ao meio ambiente (MARANDINO, 2003; ESCOBAR, 2000) e de lazer, já que são áreas verdes urbanas que proporcionam aos visitantes descanso e diversão.

Dessa forma, o presente trabalho teve como objetivo analisar o conhecimento dos visitantes do Zoológico de Salvador-BA sobre a fauna nativa e sua conservação, contribuindo para a produção de conhecimentos que permitam maximizar a utilização desse espaço de lazer em programas de educação ambiental e conservação de espécies nativas.

O Zoológico de Salvador-BA

O trabalho de campo foi realizado no Zoológico de Salvador – Bahia. Esse Zoológico foi fundado na década de 50, e recebe o nome oficial de Parque Zôobotânico Getúlio Vargas, conhecido como Jardim Zoológico de Salvador, vinculado à SEMARH - Secretaria de Meio Ambiente e Recursos Hídricos cumpre importante função social para a comunidade baiana, como área de lazer. O seu espaço, porém, de aproximadamente 250.000 m², devido à incorporação de um remanescente secundário de Mata Atlântica, conhecida como “Mata do Zôo”, está reservado para a exposição de animais silvestres e, especialmente, para atividades de Educação Ambiental e como base de apoio às pesquisas de fauna e flora (www.zoo.ba.gov.br/index.htm).

O Zoológico de Salvador é hoje um centro de referência de animais ameaçados de extinção, porque 18 espécies, num total de 55 animais, que lá habitam estão ameaçadas no seu ambiente natural. No zôo de Salvador existem no total 760 animais distribuídos em 45 espécies de aves, 38 espécies de mamíferos e 25 espécies de répteis. Contudo, o local não é apenas isso.

São também desenvolvidas pesquisas de manejo, reprodução das diferentes espécies e programas de Educação Ambiental (www.zoo.ba.gov.br/index.htm).

METODOLOGIA

O presente trabalho utilizou como modalidade de pesquisa, o estudo de caso.

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisa que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora (CHIZZOTTI, 1998).

O instrumento de coleta de dados para esse estudo foi o *questionário aberto*, caracterizado de acordo com Chizzotti (1998) por possuir um esquema de perguntas onde o interlocutor formula sua resposta.

Com o intuito de analisar o conhecimento dos visitantes do Zoológico de Salvador sobre a fauna nativa e sua conservação procedemos com aplicação de dois questionários abertos a 60 visitantes de finais de semana do zôo, escolhidos ao acaso. As coletas de dados ocorreram nos dias 20 e 26 de julho de 2008.

Os visitantes responderam primeiramente a um questionário com perguntas pessoais como nome, idade, local onde mora, etc. e questões ambientais que envolvem o zôo. Após responder o primeiro questionário, seguimos a metodologia utilizada por Bizerril (1999) para o reconhecimento da fauna, onde foi mostrado ao visitante um álbum com 23 fotografias de animais que consideramos populares: 7 da fauna exótica (zebra – *Equus burchelli*, elefante africano – *Loxodonta africana*, hipopótamo – *Hippopotamus amphibius*, leão – *Panthera Leo*, pavão – *Pavo cristatus*, urso panda – *Ailuropoda melanoleuca* e canguru - *Macropus rufus*) e 16 da fauna brasileira, sendo alguns endêmicos da caatinga (capivara – *Hydrachairis hydrachairis*, tamanduá gigante – *Myrmecophaga tridactyla*, arara canindé – *Ara ararauna*, mico-leão-dourado – *Leoleontopithecus rosalia*, lobo-guará – *Chrysocyon brachyurus*, periquito - *Aratinga cactroum*, veado catingueiro - *Mazama gouazoupira*, gavião - *Polyborus plancus*, jibóia - *Boa constrictor*, ema - *Rhea americana*, cutia - *Dasyprocta aguti*, tatu bola - *Tolypeutes tricinctus*, mocó - *Kerodon rupestris*, teiú - *Tupinambis merianae*, preá - *Cavia aperea* e calango - *Ameiva ameiva*). Para cada foto perguntamos sobre o nome e origem dos animais, se é originário ou não do Brasil e onde o visitante tinha visto cada animal antes ou se era a primeira vez que via tal animal.

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo pessoas é importante manter intactas as subjetividades dos sujeitos da pesquisa por isso, o projeto de pesquisa que originou este trabalho

foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Feira de Santana (CEP-UEFS). A pesquisa foi realizada após a aprovação pelo CEP e seguindo sugestões do Ministério da Saúde (1996) em sua RESOLUÇÃO 196/96, solicitamos previamente permissão para a realização da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Consideramos que a anuência do sujeito da pesquisa, representada pela assinatura do termo constitua peça fundamental para a realização desse tipo de pesquisa. Lembrando que as pessoas que aceitaram participar da pesquisada podiam retirar-se da mesma a qualquer momento, caso sentissem incomodadas ou constrangidas com as perguntas durante a aplicação dos questionários ou mesmo depois da pesquisa realizada.

Nós usamos o programa Statistica 5.5 para analisar os dados obtidos, as variáveis qualitativas foram testadas pelo teste não paramétrico de Kruskal-Wallis seguido de testes de médias, as variáveis quantitativas foram testadas pela análise de regressão de Pearson. Os resultados também foram convertidos em percentagens e as categorias foram determinadas pela frequência nas respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das respostas dos 60 questionários permitiu traçarmos um perfil geral dos visitantes que aceitaram participar da pesquisa. A faixa etária dos entrevistados variou entre 10 e 54 anos de idade e no que diz respeito ao local onde residem, 85% dos pesquisados declararam morar em Salvador e 15% no interior do estado.

Quanto à frequência de visitas ao zôo, verificou-se que existe desde aqueles que visitam pouco (20%), os que têm uma frequência média (43,3%) e os assíduos (36,7%). Essa análise permite inferir que os visitantes procuram o zôo com certa frequência, o que reforça estudos realizados por Bizzeril (1999); Achutti *et al.* (2003) e Furtado & Branco (2003).

Segundo Mergulhão (1997), populações moradoras de metrópoles têm demonstrado uma crescente necessidade de aproximação com a natureza. Esse comportamento pode ser notado pelo grande número de pessoas que visitam as áreas verdes existentes nos centros urbanos. No mundo inteiro, os zoológicos são locais muito procurados, sendo que a quantidade de visitantes por ano varia de dez mil a sete milhões de pessoas.

Nesse contexto, os trabalhos de Educação Ambiental implantados nos zôos se bem direcionados, dinamizam as programações e tornam as visitas mais atrativas.

A despeito da razão que leva as pessoas a procurarem os zoológicos, 43,3% dos visitantes está á procura de um momento agradável de diversão e lazer junto à natureza. O interesse em ver os animais é o motivo secundário com 28,3% das respostas, 11,7% vão para conhecer os

animais, 10% dos visitantes têm outros motivos (trabalho em barracas de lanche, acompanhar as excursões e estágio) e 6,7% vão ao zôo para levar os filhos (Fig.1). Esses resultados assemelham-se aos encontrados por Furtado & Branco (2003) que mostra que a necessidade de contato com a natureza move os visitantes a procurar estas instituições e que na atualidade, não parece ser a sensação de superioridade existente no passado que move as pessoas a visitar os zoológicos.

De acordo com Morris (1990) em tempos passados ir ao zoológico significava assistir a espetáculos de horror onde animais estavam confinados em jaulas desapropriadas e em alguns lugares dividiam a atenção do público com aberrações humanas. Havia pouco interesse sobre o conhecimento da ecologia e o comportamento natural das espécies.

A grande quantidade de informações sobre a vida animal transmitida principalmente pelos documentários televisivos tornou os visitantes dos zoológicos mais sensíveis e preocupados em conhecer e apreciar a vida animal (MORRIS, 1990).

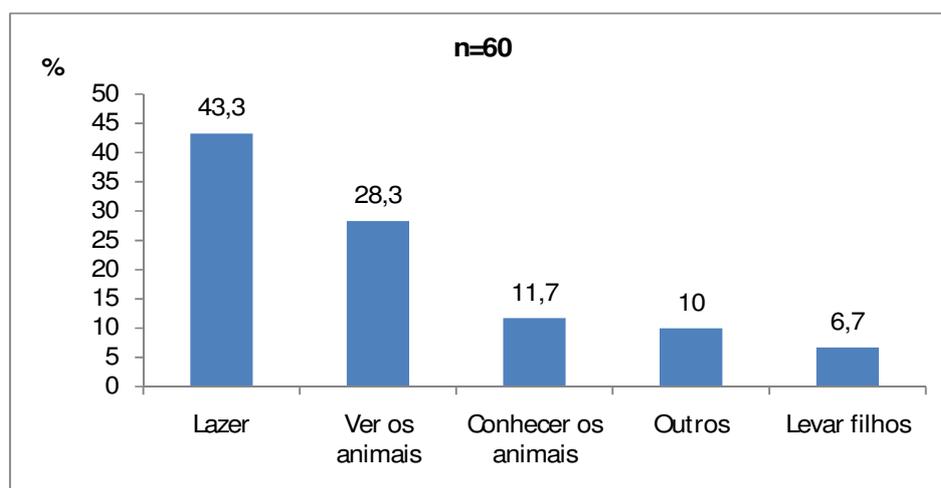


Figura 1. Qual a razão que leva as pessoas a procurarem o Zoológico de Salvador-BA. (Outros = trabalho).

Quando perguntados sobre como deveria ser um zoológico ideal, as respostas de uma parcela significativa dos visitantes (43,3%) mostraram um desejo que reflete de acordo com Furtado & Branco (2003) uma tendência mundial, onde o zôo ideal deve possuir animais adaptados ao ambiente, 25% gostariam que tivesse mais animais, 15% reivindicaram um ambiente mais limpo, 11,7% tiveram como referência o zôo de Salvador como ideal e 5% dos visitantes ficaram na categoria outros, respostas que não puderam ser enquadradas nas demais: recreação e pessoas que não souberam responder (Fig. 2).

A preocupação dos visitantes e das instituições com a saúde e qualidade de vida do seu plantel, não permite mais que os zoológicos privilegiem apenas o desejo do visitante de observar

de maneira mais fácil e segura o animal selvagem. Aos poucos, os zoológicos modernos estão substituindo as jaulas pequenas de piso cimentado e higienização excessiva por recintos que estimulem a adaptação. O público que agora conhece, através dos documentários e filmes um pouco mais da realidade que ocorre no habitat natural, deseja mais do que animais entediados (MORRIS, 1990).

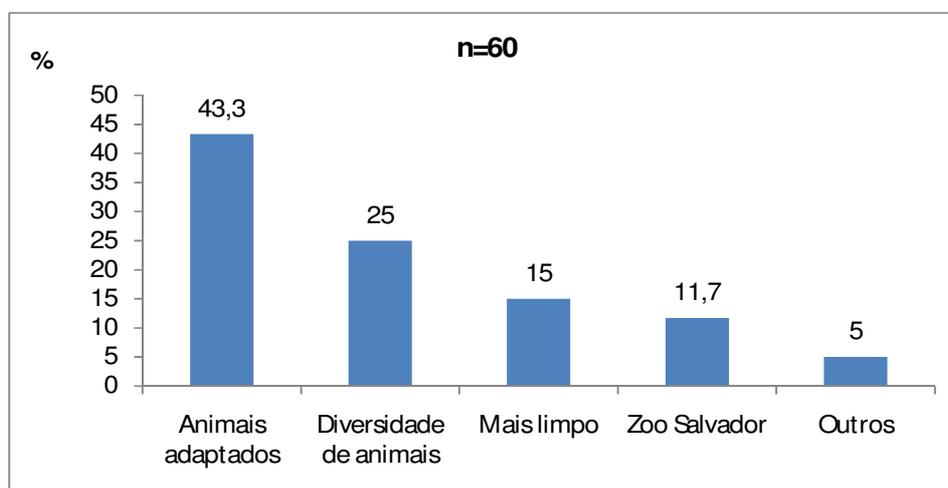


Figura 2. Como seria o zoológico ideal para os visitantes do Zoológico de Salvador-BA. (Outros = recreação ou não souberam responder).

Quando questionados sobre qual a função ou objetivo de um zoológico, 30% dos visitantes responderam que a instituição tem como objetivo proporcionar conhecimento dos animais as pessoas que vivem nas cidades, 25% acham o ambiente favorável para a prática de Educação Ambiental, 16,7% disseram que a função do zôo é promover lazer, 13,3% para expor animais, 11,7% espera que o zôo tenha como objetivo a conservação de espécies ameaçadas de extinção e 3,3% para proporcionar a população metropolitana contato com a natureza (Fig.3).

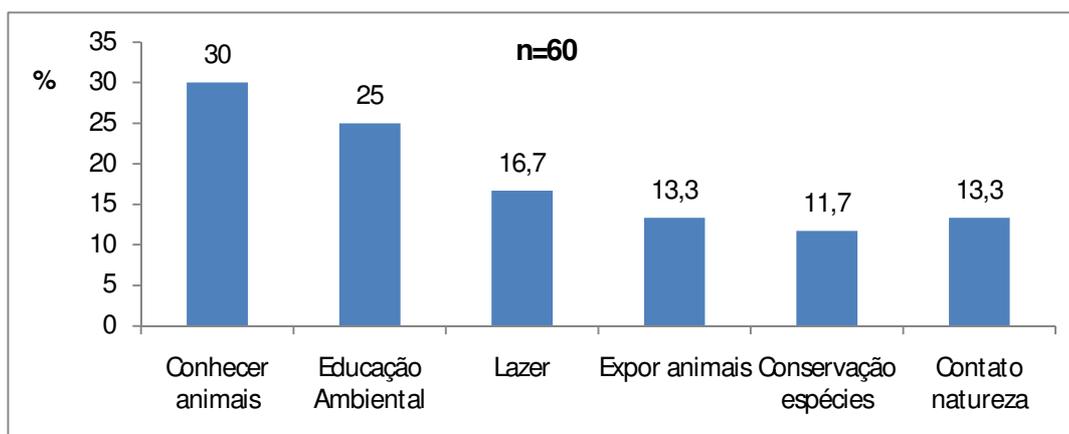


Figura 3. Qual a função dos zoológicos para os visitantes.

A partir das respostas dos entrevistados, podemos perceber que apesar do zôo ser procurado para momentos de descontração, o público tem uma expectativa maior dessa instituição, especialmente no que diz respeito a questões ambientais (Kruskal-Wallis Test, $p = 0,05$). Morris (1990) defende que com o passar dos anos, a melhoria das instalações e a evolução da consciência ambiental do público e das instituições permitiram a criação de programas de preservação de espécies ameaçadas e o desenvolvimento de programas educativos.

Segundo Primack & Rodrigues (2002), a melhor forma de se proteger em longo prazo a diversidade biológica, é a preservação das comunidades e populações no seu ambiente natural, conhecida como preservação “*in situ*” ou preservação local. Porém, os zoológicos têm se esforçado bastante com o intuito de promover a conservação “*ex situ*”. Atualmente, os zoológicos são bastante conhecidos e respeitados por seu papel fundamental na conservação da fauna silvestre, principalmente quando se trata de animais ameaçados de extinção.

Acompanhando toda a evolução pela qual os zoológicos passaram, a Educação Ambiental passou a fazer parte dos objetivos dessas instituições e vem, a cada dia, aperfeiçoando o modo de educar as pessoas a partir da exposição de animais silvestres em cativeiro.

A Educação Ambiental que um zoológico pode oferecer combina conceitos de diferentes áreas, tais como zoologia, ecologia, botânica, fisiologia, etc. Num zôo, esse conhecimento pode ser adquirido por meio da vivência e do contato direto com componentes desses conceitos, o que faz do zoológico “uma sala de aula viva” (MERGULHÃO, 1997).

A proporção de visitantes que lêem as placas de identificação dos animais existentes em frente aos recintos foi de 80%, sendo que 15% dos visitantes afirmam lêem às vezes, 3,3% observam só o nome e 1,7% responderem que não lêem as placas.

Como a maioria dos visitantes costuma ler as placas de identificação é importante que essas tragam informações corretas. Segundo Wemmer (2001) *et al apud* Costa (2004), para chamar a atenção dos visitantes, as placas de identificação devem conter uma foto do animal e informações acerca da condição da espécie quanto à ameaça de extinção. Além disso, é importante que essas placas tenham informações como o nome científico e popular da espécie, distribuição geográfica, tipo de alimentação e o hábitat onde a espécie ocorre.

Neste estudo, 86,7% dos entrevistados compreendem que a extinção de uma espécie pode influenciar a sua vida. Este entendimento por parte dos visitantes a respeito da causa da extinção das espécies demonstra de acordo com Furtado & Branco (2003) uma disseminação dos conhecimentos científicos e das idéias preservacionistas e uma compreensão do papel do ser humano no seu habitat, como uma espécie que influencia e é influenciada, o que deve ser apoiado, principalmente pelas instituições formais de ensino.

Percebe-se também um maior envolvimento dos visitantes nas questões ambientais, a partir de suas respostas a respeito das causas que levam a extinção das espécies, 38,4% atribuem as extinções à destruição do habitat. Este fator é considerado a maior ameaça para a biodiversidade que sofre uma redução brusca, principalmente pelo aumento da população humana (PRIMACK & RODRIGUES, 2002; MORRIS, 1990).

A ação humana e a caça com 26,7% de respostas cada (Fig. 4), também foram indicadas pelos visitantes como a causa da extinção das espécies animais.

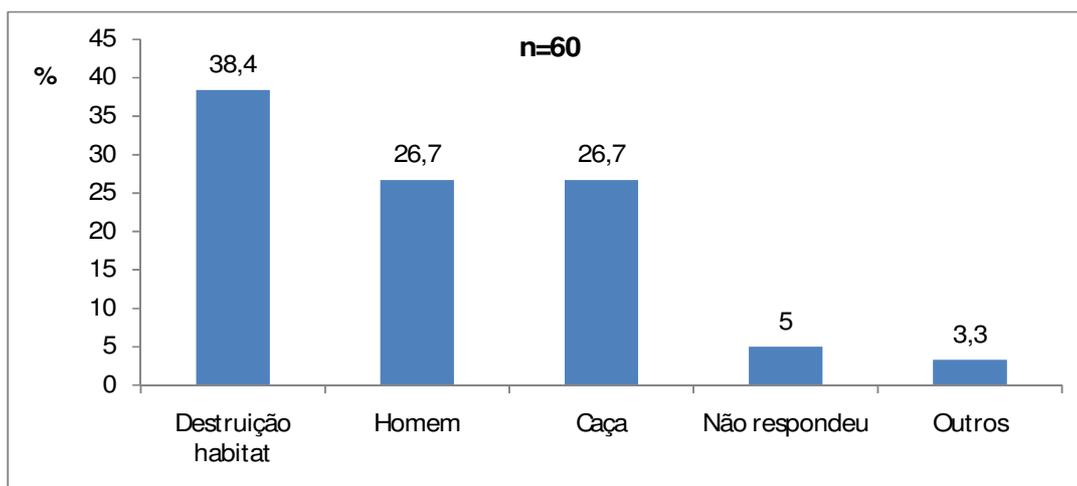


Figura 4. Quais as causas da extinção de animais. (Outros = tráfico e aquecimento global).

Essas ações que levam a extinção das espécies têm sido reprimidas pelas instituições governamentais, contudo a ação individual é o primeiro passo e ela só ocorre quando o cidadão desenvolve o sentimento de pertencimento e compreende a consequência dos seus atos. Para que isso aconteça, tanto o ensino formal quanto o não-formal deve servir de base para as futuras gerações.

Conhecimento Sobre a Fauna

Perguntados sobre que animal gosta mais de observar no zôo, 41,7% dos visitantes deram destaque aos animais da fauna exótica, 48,3% deram respostas muito abrangentes referindo-se a grupos de animais (aves, cobras, felinos, macacos e todos), 8,3 gostam de observar a onça que é um animal nativo e 1,7% dos entrevistados não responderam essa questão (Tab. 1).

Tabela1. Percentual dos animais que os visitantes do Zoológico de Salvador-BA gostam mais de observar (n=60).

ANIMAIS	FREQUÊNCIA
Macaco	16,7%
Zebra	6,7%
Leão	13,3%
Urso	6,7%
Tigre	8,3%
Onça	8,3%
Elefante	1,7%
Pantera	1,7%
Hipopótamo	3,3%
Aves	10%
Cobras	6,7%
Felinos	6,7%
Todos	8,3%
Não respondeu	1,7%
TOTAL	100%

Ao analisarmos as respostas do segundo questionário sobre a fauna, percebemos que em relação à primeira questão sobre o nome dos animais, os visitantes tiveram um índice total de erros sobre a fauna nativa de 42,3% (n=960) e um percentual de erros de 3,6% (n=420) sobre a fauna exótica (Fig. 6).

As pessoas mostraram dificuldade para identificar a maioria dos animais brasileiros, especialmente àqueles do bioma Caatinga. O mocó foi a espécie mais desconhecida entre os entrevistados (96,7%; n=60) (Fig. 6). As crianças conhecem menos a fauna nativa $KW-H(4,60) = 15.0509512$, $p = 0.0046$; $F(4,55) = 3.56626911$, $p = 0.0117$.

Não houve variação do conhecimento sobre a fauna quanto ao local de residência dos visitantes, embora os do interior conheçam mais a fauna nativa. Os animais exóticos foram igualmente conhecidos e não houve significância para nenhum grupo analisado. O conhecimento dos animais nativos foi maior entre os visitantes de maior frequência ao zoológico: $KW-H(2,60) = 5.73540323$, $p = 0.0568$; $F(2,57) = 3.38000464$, $p = 0.0410$ (Fig. 5).

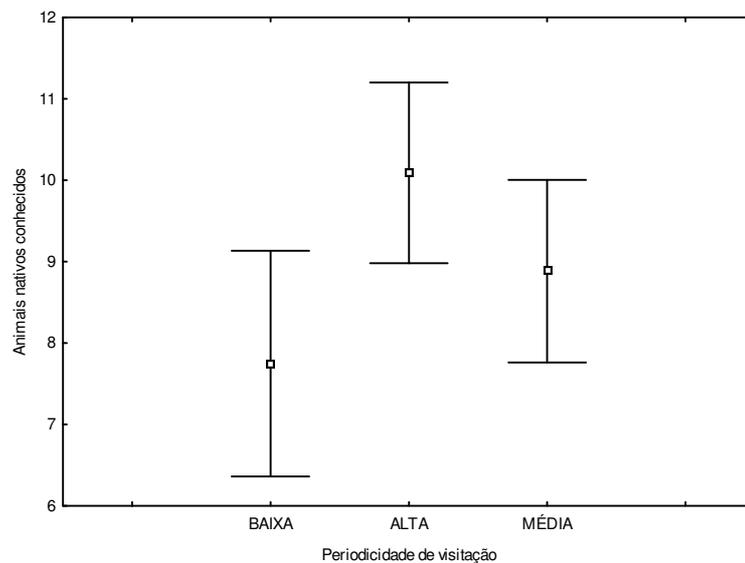


Figura 5. Conhecimento da fauna nativa relacionado à periodicidade de visita.

Quanto à origem do animal, categorizamos as respostas dos pesquisados em alta, média e baixa. No geral as pessoas mostraram um índice de conhecimento de médio a alto, tanto da fauna nativa quanto da fauna exótica. As pessoas que erraram sobre a origem dos animais exóticos, consideravam-no pertencente à fauna nativa. A espécie exótica mais frequentemente considerada como nativa foi o pavão.

Não houve variação significativa, mas os mais jovens foram os que menos declararam já ter vistos os animais nativos, entretanto as crianças foram os que mais declararam já ter visto animais exóticos, a maior frequência viu na TV ou na TV e Zoológico, isso mostra que os animais exóticos têm mais destaque que os nativos tanto na TV quanto no Zoológico.

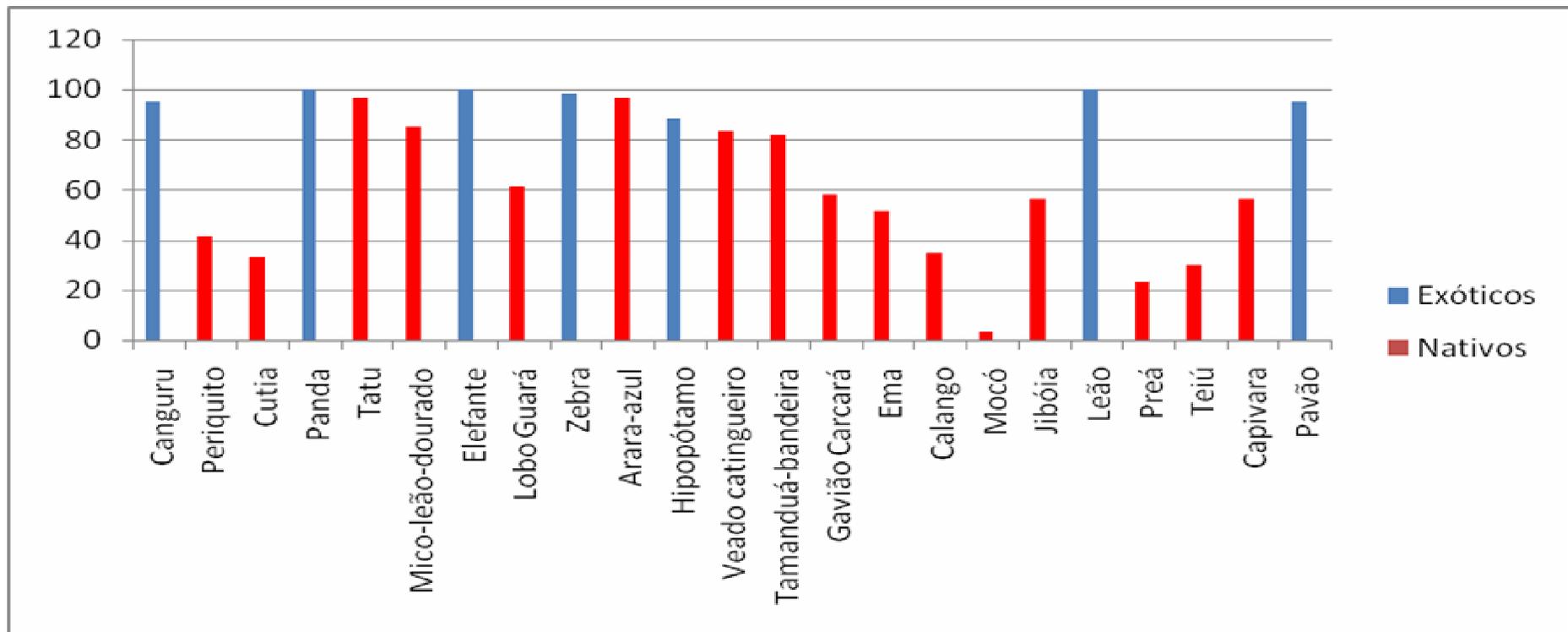


Figura 6. Percentual de respostas corretas dos visitantes do zoológico de Salvador-BA sobre a questão “Qual o nome desse animal?”

Esta preferência e conhecimentos que os visitantes demonstram por animais silvestres exóticos pode ser fruto, principalmente da influência dos meios de comunicação, através dos documentários da vida animal. As produções brasileiras são muito recentes e a maioria dos documentários retrata os hábitos de animais, em geral, da fauna do continente africano. Outros fatores que podem ter contribuído foram os livros didáticos e a literatura infantil principalmente, até o início da década de noventa. A fauna silvestre brasileira era esquecida e muito comumente, as crianças aprendiam e passavam a gostar mais da fauna exótica do que da nativa (AURICCHIO, 1999).

Segundo Auricchio (1999), 82% dos animais em exposição nos zoológicos brasileiros são nativos, o que auxilia na sua divulgação. Quanto mais regionalizado esta valorização se torna, mais próximo da comunidade à fauna estará. Desta forma, a população pode perceber, buscar e valorizar a beleza de ver os animais em liberdade nas áreas preservadas em seu entorno.

Gorayeb (1994) *apud* Furtado & Branco (2003) sugere que o tratamento dado aos animais depende do grau de importância que diretamente tem para o ser humano. Aqueles que não se relacionam diretamente e que não se têm informações sobre as relações com o ser humano, não são respeitados. Na verdade, a visão tradicional era que o mundo fora criado para o bem do homem e as outras espécies deviam ser subordinadas aos seus desejos e necessidades (MORRIS, 1990). Com o avanço nas pesquisas, espera-se que a população perceba que as espécies devem ser preservadas porque são o resultado de um processo evolutivo e que cada ser vivo desempenha um papel primordial para a sobrevivência e equilíbrio dos ecossistemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desse estudo demonstram o grande potencial educativo dos zoológicos, principalmente por causa das mudanças de concepções destas instituições e a predisposição do público em envolver-se com a temática ambiental.

Pode-se então, sugerir aos zoológicos, uma atenção maior no desenvolvimento de projetos sistematizados de EA que envolva as escolas e os grupos familiares que frequentam esses espaços em fins de semana.

A respeito da fauna percebemos que os zoológicos precisam se concentrar mais em trabalhos com a fauna nativa, especialmente a respeito da relação com a mídia e os programas de educação ambiental, isso é um desafio para os educadores, fazer a população se interessar em aprender e proteger a fauna local.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, M. R. G.; BRANCO, J. O.; ACHUTTI, W. A visão dos estudantes de ciências das 6^a séries sobre o papel do Zoológico. In: **II Simpósio Sul Brasileiro de educação Ambiental, I Encontro da Rede Sul Brasileira de Educação ambiental e I Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul**, UNIVALI/ Itajaí, SC, 2003. Disponível em: <<http://www.avesmarinhas.com.br/12.pdf>> Acesso em: 20 de jun. de 2007.

ACOT, P. **História da Ecologia**, Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

AURICCHIO, A. L. Potencial da Educação Ambiental nos Zoológicos Brasileiros. **Publicações avulsas do Inst. Pau Bras.** Hist. Nat. São Paulo, n. 1, p.1-48, 1999.

BIZERRIL, Marcelo Ximenes Aguiar; ANDRADE, Tânia Cristina Santos. Knowledge of the urban population about fauna: Comparison between Brazilian and exotic animals. **Ciência e Cultura Journal of the Brazilian Association for the Advancement of Science**, Brasília-DF, volume: 51, 38-41p., January/February, 1999.

BRASIL. Estabelecimento e funcionamento de Jardins Zoológicos. **Lei nº 7.173**, de 14 de dezembro de 1983.

BRASIL. Educação Ambiental. **Lei nº. 9.795**, de 27/04/1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução Nº. 196**, de 10 de outubro de 1996.

CHIZZOTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**, 2^a Edição, São Paulo: Cortez, V.16, 1998.

COSTA, G. O. Educação Ambiental – Experiências dos Zoológicos Brasileiros, **Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient.** ISSN 1517-1256, V. 13, p. 140-149, julho a dezembro de 2004. Disponível em: < <http://www.remea.furg.br/edicoes/vol13/art09.pdf>> Acesso em 08 de agosto de 2008.

DIAS, G. F., **Educação Ambiental: Princípios e Práticas**, 5^a edição, São Paulo: Editora Gaia, 1998.

FURTADO, Maria Heloísa Beatriz Cardoso; BRANCO, Joaquim Olinto. A percepção dos visitantes dos zoológicos de Santa Catarina sobre a temática ambiental. **II Simpósio Sul Brasileiro de educação Ambiental, I Encontro da Rede Sul Brasileira de Educação ambiental e I Colóquio de Pesquisadores em Educação Ambiental da Região Sul**, UNIVALI/ Itajaí, SC, 2003. Disponível em:< <http://www.avesmarinhas.com.br/10.pdf>> Acesso em: 20 de jun. de 2007.

IUDZG, IUCN/SSC. The Word zôo conservation strategy. U.S.A, Chicago Zoological Society, 1993.

LOUREIRO, C. F. B. O que é Educação Ambiental? **Revista Paradoxo: Projetos múltiplos em Educação**, v. 4, n. 9, 19-30p, janeiro 2001.

JARDIM ZOOLOGICO DE SALVADOR. Disponível em:< <http://www.zoo.ba.gov.br/index.htm>> Acesso em: 16 jun. 2007.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAIHA. **JORNAL DA FACON**, 2006. Disponível em: <http://www.jornaldafacom.ufba.br> / Acesso em: 18 jun.2007.

MELLOWES, C. Evironmental Education and the Search for Objectives. **Evironmental Education: the Present and the Future Trends**. Portsmouth, n. 6, 1972.

MARANDINO, Marandino; MARTINS, Luciana Conrado . **Ações e Investigações em Educação Não Formal em Biologia nos Museus de Ciências: inaugurando uma linha de pesquisa**. In: VIII Reunión de La Red de Popularización de La Ciencia y La Tecnologia en America Latina y el Caribe, 2003, León. Resúmenes de Trabajos, 2003.

MERGULÃO, M. C. Zoológico: uma sala de aula viva. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. **Educação Ambiental: Caminhos Trilhados no Brasil**. Brasília, p.193-200, 1997.

MORRIS, D. **O contrato animal**. Rio de Janeiro :Editora Record.. 1990.

REIS, M. L. et al. **Anos de registro de animais silvestres recebidos pelo JZB de particulares ou de apreensão: Implicações BA conservação da fauna do Distrito Federal**. In Resumos do XXII Congresso Brasileiro de Zoologia, p. 360, Recife, 08-13 de Fevereiro, 1998.

ROCHA, C. F. D. et al. (Org.) **Biológica da conservação**. Londrina: Editora Vida, 2002

SANDERS, Aline; FEIJÓ, Anamaria Gonçalves dos Santos. **Uma reflexão sobre animais selvagens cativos em zoológicos na sociedade atual**, 2007. Disponível em: <http://www.sorbi.org.br/revista/artigo_SORBI-ZOOS.pdf> Acesso em: 08 de agosto 2008.

SANTOS, M. M. G; **Conhecimento da Diversidade Biológica das Caatingas por crianças em Idade Escolar: Uma avaliação da percepção Ambiental de crianças do meio urbano com propostas de ferramentas didáticas apropriadas ao aprendizado de crianças em ambientes de caatingas**. 45 f., 2005, Monografia (Especialização em Educação Ambiental - Universidade Estadual de Feira de Santana).

STAPP, W.B. et al. The Concept of Environmental Education. **The Journal of Environmental Education**, v. 1, n. 1, 1989.